“Ao entardecer daquele dia”, ele saiu à praça para rezar: a prece católica em tempos de distanciamento social

“When evening had come”, he went out to the square to pray: the catholic prayer in times of social distancing

Rosenilton Silva de Oliveira

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/9473>

DOI: 10.4000/pontourbe.9473

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Rosenilton Silva de Oliveira, «“Ao entardecer daquele dia”, ele saiu à praça para rezar: a prece católica em tempos de distanciamento social», *Ponto Urbe* [Online], 27 | 2020, posto online no dia 28 dezembro 2020, consultado o 08 janeiro 2021. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/9473> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.9473>

Este documento foi criado de forma automática no dia 8 janeiro 2021.

This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

“Ao entardecer daquele dia”, ele saiu à praça para rezar: a prece católica em tempos de distanciamento social¹

“When evening had come”, he went out to the square to pray: the catholic prayer in times of social distancing

Rosenilton Silva de Oliveira

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 09/11/2020

Aceitação / Accepted 10/11/2020

Urbi...

- 1 Wuhan, cidade com pouco mais de dez milhões de habitantes, capital da província de Hubei – China, foi palco do nascimento de uma nova doença respiratória. Em meados de dezembro de 2019, autoridades médicas locais reportaram uma série de casos de uma síndrome respiratória aguda que acometia pacientes, os quais tinham em comum o fato de terem frequentado o Mercado de Retalho de Marisco de Huanan. Com o aumento no número de casos, as autoridades sanitárias fecharam o espaço e, no último dia do ano, a Organização Mundial de Saúde (OMS) foi informada da situação.
- 2 Na primeira semana de 2020, o governo chinês anuncia oficialmente a identificação de um novo coronavírus, a partir de estudos realizados dias antes (ZHU, 2020). A partir deste momento, os casos começam a aumentar exponencialmente. Os primeiros testes para diagnósticos são desenvolvidos e disponibilizados à OMS, assim como seu primeiro

sequenciamento genético realizado em 12 de janeiro de 2020. Com a identificação de casos fora da China, cidades começam a ser isoladas, controles aeroportuários são estabelecidos e no apagar do mês de janeiro, a OMS declara emergência global internacional.

- 3 Ainda nomeada como SARS-CoV-2, em 20 de fevereiro registra-se o primeiro caso de internação na Itália. Um homem de 30 anos é hospitalizado em Lodi, na Lombardia.² A ausência de consensos em torno de uma resposta global ao novo coronavírus, associada a posicionamentos contrários a interrupções das atividades laborais e a imposição de restrições na circulação de pessoas, contribuíram sensivelmente para a propagação da enfermidade.

Orbi...

- 4 Mesmo com casos confirmados em vários países europeus e asiáticos, no Brasil e nos Estados Unidos, autoridades políticas ainda minimizam a gravidade da doença. Há inclusive um conjunto de declarações que deslizam entre a xenofobia (contra chineses) e acusações de que a China havia criado o vírus em laboratório a fim de desestabilizar a economia mundial aumentando seus lucros e sua influência global³.
- 5 Renomeada como Covid-19⁴, a doença causada pelo novo coronavírus começa a impor uma rotina global. Dada a sua velocidade de contaminação, gravidade e ausência de uma terapêutica específica ou vacina que impeça seu contágio, restam as medidas paliativas, dentre elas o distanciamento social. Nenhuma dessas medidas foi estabelecida de modo plácido ou adotadas ao mesmo tempo nas várias localidades. Os dissensos sobre sua eficácia e a ênfase numa pretensa antinomia entre economia e saúde levaram à morte milhares de pessoas⁵ (o que produziria impactos econômicos severos).
- 6 Em 8 de março de 2020, o governo italiano impõe uma quarentena rigorosa no país, fechando escolas e limitando a circulação de pessoas somente para serviços considerados essenciais. Medidas semelhantes são adotadas em outros países ao redor do mundo, e no dia 11 do mesmo mês a OMS declara o surto de coronavírus uma pandemia. Neste período, a Itália torna-se o epicentro da doença na Europa, posto que dividirá posteriormente com a Espanha e a França. Em agosto de 2020, os dados oficiais da OMS contabilizavam mais de 25 milhões de casos confirmados, 16 milhões de pessoas recuperadas e quase 850 mil óbitos.
- 7 Este texto foi escrito, portanto, neste contexto global⁶. Considerando que o fenômeno ainda está em curso, não se pretende realizar aqui uma análise exaustiva da conjuntura nem, por certo, apontar os possíveis desdobramentos sociopolíticos da pandemia. O objetivo é mais singelo: refletir como as instituições religiosas vivenciaram este evento histórico e como se posicionam publicamente a partir de seus princípios teológico-doutrinários. Especificamente, parte-se da descrição densa do “Momento extraordinário de oração em tempo de pandemia – Bênção *urbi et orbi*”, presidido pelo Papa Francisco, sozinho na Praça de São Pedro no Vaticano, em 27 de março de 2020, para discutir sobre alguns aspectos da prece em tempos de distanciamento social e os significados de ausência-presença enunciados por meio da realização de um ritual público e coletivo que não contou com a participação *in loco* dos fiéis, mas que acompanharam o ato *in praesentia* por meio das mídias. O que os múltiplos “vazios”

apresentados no ato religioso dão a ver sobre a relação entre crença e saber científico, ressignificando o “estar juntos”?

- 8 Neste texto, *urbi* e *orbi* são tomados metaforicamente para pensar a relação dialógica produzida pelos ritos, cujos efeitos são percebidos concomitante dentro (*urbi*) e fora (*orbi*) da igreja, enquanto instituição. Posições estas que não são antagônicas, mas que funcionam como um contínuo entre os campos religioso e o secular.

Urbi et Orbi – a cidade e o mundo tomados pela Covid-19

- 9 As razões que justificam o recorte temporal e espacial na qual circunscreve este texto podem ser resumidas em três: em primeiro, destaca-se a postura paradigmática adotada pela Igreja Católica em incorporar o discurso médico-científico na sua elocução pública, fazendo reverberar as recomendações sanitárias adotadas nos mais diversos contextos sociais. Esta postura permitiu à Igreja marcar uma posição política e religiosa importante nas disputas sobre a legitimidade pública para instruir as pessoas sobre os modos de se enfrentar a doença.
- 10 O segundo aspecto refere-se ao fato de que a sede do catolicismo romano está localizada onde, naquele momento, era tido como epicentro da epidemia. E, dado o seu caráter extremamente hierárquico e ritual, a performance da Santa Sé balizou de modo eficaz a atuação das demais igrejas espalhadas pelo mundo. Mais do que nunca, as ações do papa tiveram sua visibilidade expandida de modo exponencial, a fim de impedir que as disputas observadas no campo político pudessem impactar negativamente na imagem de unidade interna defendida pela Igreja.
- 11 A terceira razão aponta para o momento ritual em que viviam os católicos em março de 2020: o Ciclo Pascal. Mais especificamente o Tempo da Quaresma, período de preparação para a principal festa do cristianismo: a Páscoa. A coincidência entre o estabelecimento de um rígido protocolo sanitário (ao passo em que se via aumentar o número de vítimas da Covid-19) aliado ao período de reclusão interna, penitência, oração e solidariedade (princípios quaresmais difundidos pela Igreja), produziram o contexto ideal para o Vaticano se firmar no cenário global como um interlocutor privilegiado.
- 12 A postura oficial das autoridades católicas não ficou isenta de enfrentamentos internos e externos como, por exemplo, a campanha “Devolva-nos a Missa”, que circulou em abril de 2020 no Brasil⁷, Argentina e Espanha, na qual um grupo de fiéis católicos solicitava o retorno das celebrações eucarísticas presenciais, suspensas desde março por recomendação da Santa Sé em concordância com as indicações das autoridades sanitárias locais. O movimento recebeu fortes críticas de grupos leigos e foi ignorado pelas autoridades eclesiais, que não fizeram nenhum pronunciamento oficial sobre o tema.
- 13 Os inúmeros discursos do Papa Francisco, além da atuação constante e coordenada das Conferências Episcopais em cada país, foram desenvolvidos de modo a reforçar o posicionamento público da Igreja, o qual ao mesmo tempo em que não negava e acompanhava os posicionamentos científicos, não se submetia a eles. Por meio de um processo de racionalização da crença, suas práticas públicas são apresentadas na

mesma gramática da secular sendo capaz de “dar um sentido cristão” às ações da medicina. Opera, portanto, uma síntese entre ciência e religião.

- 14 Este movimento permite compreender como a Igreja Católica participa da construção de controvérsias e consensos sobre temas que permeiam tanto o campo religioso quanto o secular. Não há, entretanto, uniformidade nesta forma de se fazer presente; no contexto italiano, por exemplo, Verónica Roldán (2012) demonstrou que a atuação dos católicos na política remonta ao processo de reunificação do país, desde meados do século XIX, estabelecendo o modo de participação dos leigos nos governos.

Hoje ao católico italiano [e poderíamos dizer, o católico em geral] – que já seja abertamente comprometido com política ou não – a Igreja lhe pede para participar na vida política com ampla responsabilidade, tenho sempre presente a existência e a defesa daqueles valores fundamentais chamados *non negoziabili* (não negociáveis) como são, por exemplo, o respeito à vida, desde o seu princípio até o final (o que implica uma clara oposição e batalha contra o aborto, a fertilização assistida, a eutanásia) assim como também a defesa da família. (Roldán 2012: 93).

- 15 Esta postura católica, por um lado justificado pelo fato de que a Igreja participa ativamente e de modos distintos, em cada contexto, dos processos de configuração das esferas públicas e dos estados laicos (Monteiro, 2006), por outro, assegura tanto a sua independência institucional frente aos governos locais e certa pluralidade de atuação dos leigos. A máxima “unidade na diversidade” repetida de modo sistemático pelos bispos permite acomodar no seu interior posições políticas, econômicas e sociais divergentes orientadas pelo mesmo princípio dogmático e limitado pelos valores fundamentais *non negoziabili*.
- 16 A aparente contradição entre fé e razão, constantemente reeditada na cena pública, já se encontra acomodada no interior do catolicismo, processo iniciado no século XVII com a inauguração da Pontifícia Academia de Ciências⁸, reforçado no Concílio Vaticano II (1962-1965) sobretudo com a promulgação da Declaração *Gravissimum Educationis* sobre a educação cristã (em 1965) e a Carta Encíclica *Fides et Ratio* promulgada por João Paulo II (1998), cuja síntese está expressa já na apresentação: “a fé e a razão (*fides et ratio*) constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade.” (João Paulo II 1998: 5). Observa-se, neste diapasão, o modo pelo qual o catolicismo dialoga com o conhecimento científico: ele é um componente da fé, e não seu opositor.
- 17 A partir desta posição a Igreja Católica atua no debate público em torno das medidas a serem adotadas para enfrentamento do novo coronavírus, como dissemos acima: sem negar a objetividade científica, recorre aos rituais para responder à pandemia. Não se trata, portanto, de uma postura que nega a eficácia divina em detrimento da ciência, nem o seu contrário. Evita-se impor à divindade a necessidade de eliminar magicamente a enfermidade, ao corroborar a eficácia dos atos médicos, ao mesmo tempo em que não aposta numa leitura do fenômeno enquanto “castigo divino”.
- 18 Com a suspensão das atividades presenciais, incluindo as ações litúrgicas, há investimento nas transmissões ao vivo pelos meios de comunicação (rádio e televisão) e, sobretudo, pela internet. A *expertise* da Santa Sé em difundir os atos papais, encontra seu ápice neste período. E um dos órgãos centrais neste movimento é a agência de notícias *Vatican News*, criada em 2015 por determinação do Papa Francisco, como o braço digital da imprensa oficial católica, responsável pela produção de conteúdo transmitido via internet para os fiéis católicos do mundo inteiro. São perfis em redes sociais como o *Twitter*, *Instagram*, canais no *YouTube* e sites⁹. Compõem, portanto, junto

com o jornal *L'Osservatore Romano* e a rádio e TV Vaticano o sistema de comunicação da Santa Sé. Agregam-se a estes veículos inúmeros jornais, sites, canais no YouTube e redes de televisão e rádio católicas espalhados pelo mundo inteiro, os quais além de difundir os conteúdos produzidos pelo Vaticano, possuem suas próprias produções locais.

- 19 Este complexo e amplo sistema de comunicação dá continuidade a um processo de inserção da Igreja no campo midiático contemporâneo. Relação esta marcada por muitas nuances e controvérsias, mas que de algum modo retoma a postura eclesialística de tentar normatizar o uso da imagem no processo catequético (Mello, 2010). Se com o Papa Francisco observamos a entrada da Igreja Católica no “mundo digital”, em 1979 os católicos assistiam pela primeira vez, pela televisão, a exortação pascal feita por Pio XII. Mas foi em 12 de fevereiro de 1931 que seu antecessor Pio XI inaugurava a presença católica no rádio. Percebe-se, portanto, uma longa trajetória de produção televisiva e de rádiodifusão das cerimônias presididas pelo Santo Padre, sobretudo aquelas relacionadas aos “tempos fortes” da Igreja: como a Páscoa, Natal e conclaves¹⁰.
- 20 O uso atual das tecnologias digitais e das ferramentas de comunicação para apresentar publicamente a posição teológico-doutrinária da Igreja e a produção de uma imagem pública do romano pontífice em particular, e do catolicismo em geral, ao ser lido num processo de longa duração permite compreender como a cúpula católica sempre dispôs dos recursos midiáticos *avant la lettre* no seu processo de catequização. Como demonstra o trabalho de Magno Moraes Mello (2010), não se trata de uma “apropriação” desses meios, mas justamente uma participação ativa no seu desenvolvimento.
- 21 Enquanto uma religião de conversão, a defesa dos dogmas e sua correta transmissão entre os fiéis é uma preocupação constante das autoridades católicas, pois preservá-la equivale a salvaguardar a própria instituição. Neste sentido, o uso das imagens no processo catequético exerce um papel central. Partindo dos exercícios espirituais de Inácio de Loyola (fundador da Companhia de Jesus), em que se estabelece a necessidade de criação de uma espécie de contexto visual para meditação do texto bíblico, percebe-se já no XVII, um investimento maciço dos jesuítas na produção de imagens.

Deve-se conceber tudo para a salvação da instituição, mantendo a sua unidade ideológica. É nesse sentido globalizador que a Igreja é, sobretudo, pedagógica, e a pintura um instrumento da didática da fé. No que diz respeito à tratadística ou à teorização da perspectiva, os jesuítas foram grandes interessados, difundindo essa ‘nova visualidade’ desde a Europa, a América, até a China” (Mello 2010: 192)
- 22 Mesmo considerando os aspectos deletérios das missões evangelizadoras católicas e a ênfase dada ao caráter funcional da arte no contexto sacro, o que se coloca em evidência neste texto é o uso da imagem (no seu sentido amplo) no processo de educação dos sentidos e na difusão da fé (Mello, 2010). Assim como demonstramos em outro momento (Valverde; Oliveira 2007), a relação entre o ato devocional e a produção artística ganha novos contornos no contexto católico a partir de uma ênfase fenomenológica, de modo que as imagens sacras pretendem “reapresentar (torna evidente de novo, embora de uma maneira nova) a hierofania outrora experimentada, possibilitando uma nova experiência de transcendência, uma nova significação da realidade.” (Valverde; Oliveira 2007: 18). Nesta perspectiva, a imagem é tomada como instrumento litúrgico que possibilita atualizar a experiência religiosa (ou mesmo produzi-la). Não está, portanto, descolada do discurso religioso que orienta a própria produção imagética. Dito de outro modo,

a decoração pictórica desponta como instrumento litúrgico e evangélico, pois pode ser mais bem entendida num sentido amplo. Incluindo não só textos mas também

todo o ambiente onde se dá o rito religioso: a articulação do espaço, a música e a decoração. Aquilo que o olho percebe, e se maravilha, é igualável aos sons cativantes que fascinam o ouvido (Mello 2010: 197)

Acompanhando este movimento de reflexão sobre as imagens, as produções artísticas e suas relações com o ritual ao longo dos séculos é possível inscrever a celebração presidida pelo Papa Francisco no dia 27 de março de 2020 como parte de um contexto mais amplo, em que perspectivas religiosas e seculares são articuladas. Neste texto, argumenta-se que, a partir desta celebração paradigmática, a Igreja pretendeu “catequizar a cidade e o mundo”, isto é, seu objetivo era produzir um sentimento religioso tanto nos féis católicos quanto num público mais amplo. Neste sentido, todos os elementos do ritual são acionados para alcançar o mesmo fim.

A Benção Extraordinária concedida na sexta-feira, 27 de março, coloca-se como um termo intermediário entre dois eventos: a procissão solitária do Papa Francisco e a alteração no rito da Semana Santa, com ênfase no acréscimo de uma oração específica na celebração da Sexta-feira da Paixão. Estes três eventos marcam uma relação *urbi* (para a cidade de Roma) *et orbi* (e para o mundo).

A procissão solitária do Papa Francisco

- 23 Tradicionalmente, os papas ao assumirem suas funções sacerdotais presidem celebrações em quatro igrejas específicas: na Basílica Papal de São Pedro, no Vaticano, na Catedral Arquibáslica de São João de Latrão, e nas Basílicas de São Paulo Extramuros e de Santa Maria Maior, estas três últimas localizadas em Roma.
- 24 Enquanto Sumo Pontífice, isto é, líder da Igreja Católica latina, o início de suas atividades se dá numa celebração eucarística (missa) na Basílica Papal de São Pedro, sede mundial do catolicismo (*orbi*). Na sequência, uma vez que o papa é também o bispo da Arquidiocese de Roma, ele toma posse enquanto autoridade local (*urbi*) na Catedral de São João de Latrão, sede da diocese romana. Em seguida, visita a Basílica de São Paulo, demonstrando a relação íntima entre os apóstolos Pedro (do qual o papa é sucessor no governo temporal da Igreja) e Paulo (símbolo da atividade missionária do catolicismo). Por fim, rende-se à Basílica Papal de Santa Maria Maior, local onde se conserva o ícone da mãe de Jesus, invocada sob o título de *Salus Populi Romani* (Saúde do Povo Romano), uma das padroeiras da cidade de Roma.
- 25 Francisco foi eleito em 13 de março de 2013 e tomou posse no dia 19 do mesmo mês. É interessante destacar o fato de que no final de cada viagem internacional, o Papa vai à igreja mariana e deposita flores sobre o altar em sinal de agradecimento pelo bom êxito da missão.
- 26 De acordo com a tradição católica, e difundida oficialmente pela Igreja, o ícone de Maria teria sido pintado pelo evangelista Lucas, sob uma mesa de madeira produzida pelo próprio Jesus e transladada para a casa do apóstolo João, após o término da missão do homem-Deus na terra. A pintura teria sido levada a Roma por Helena, mãe do imperador Constantino, o qual ordenou a edificação de uma igreja para abrigá-la.

Ícone Salus Populi Romani

Fonte: Reprodução Basílica Santa Maria Maior¹¹

- 27 Sobre a madeira, com um fundo dourado, observa-se a figura de uma mulher, que olha para fora do quadro e traz nos seus braços uma criança, que olha para a direita e segura com sua mão esquerda um livro. Chamam a atenção na imagem inúmeros elementos, para além daqueles relacionados às técnicas de produção: a aliança que traz em seu dedo, as cores das vestes, o fato de que as personagens não se olham e, enquanto Maria ostenta um semblante sereno, o menino-Deus tem um tom grave e faz com a mão direita o sinal da bênção¹².
- 28 De acordo com Yoshie Kojima (2017) este é um dos ícones de Maria que mais fora reproduzido¹³ e, durante o período da contrarreforma foi maciçamente utilizado pelos jesuítas nos processos de catequização. Evocada na Itália como saúde do povo romano, a imagem goza de especial devoção e inúmeras vezes foi utilizada em procissões como forma de conter epidemias que assolavam a cidade.
- 29 Em 15 de março de 2020, sete anos depois da sua primeira oração diante do ícone da Virgem, quando a Itália já estava sob o efeito da quarentena em razão da Covid-19, Francisco retorna à Basílica como um peregrino. Não há público que o acompanha, como normalmente ocorre nestas ações, tampouco a visita fora anunciada com antecedência à imprensa laica e aos responsáveis pelo local, embora fora registrada com exclusividade pelas mídias do Vaticano. O Papa oferece as já tradicionais flores amarelas e brancas (cores do Vaticano) a Maria e reza silenciosamente diante do ícone da “Saúde do Povo Romano”. Deixando a igreja em silêncio, Francisco caminha silenciosamente por dois quilômetros, até a igreja Paroquial de São Marcelo, no Corso.

Era seguido apenas pelos seguranças e a equipe de televisão (que não são vistos na transmissão). As ruas estavam desertas.

- 30 A escolha da igreja não se deu ao acaso. Ali encontra-se um crucifixo talhado em madeira, de autoria desconhecida, datado do século XVI. Segundo a tradição popular, a fama de “milagroso” atribuída à imagem do Cristo pregado na cruz, deu-se a partir do ano 1519, quando após um incêndio que destruiu completamente a igreja ele foi encontrado intacto¹⁴.
- 31 Assim como o ícone de Maria, esta imagem também foi levada em procissão pelas ruas de Roma até a Praça de São Pedro (distante cerca de 2km) a fim de clamar pelo fim de uma epidemia que assolava a cidade em 1522. Desde então, a cada cinquenta anos esta procissão é repetida e, no dorso da imagem, é gravado o nome do papa que preside a cerimônia. O último a fazê-lo foi João Paulo II, nos anos 2000, numa cena que teve grande repercussão pública, quando o papa abraça o crucifixo durante as celebrações do Jubileu em comemoração ao nascimento de Jesus.

Papa João Paulo II abraça crucifixo no Dia do Perdão, em 12/03/2000, por ocasião do Jubileu do nascimento de Jesus.

Fonte: Kirazym¹⁵

- 32 Como na Igreja de Santa Maria Maior, Francisco deposita sobre o altar flores brancas e amarelas, reza só e deixa o local em silêncio.
- 33 Embora a vivência da fé católica possa ser localizada na centralidade no discurso – a própria divindade é o Deus-palavra que se torna humano (Oliveira, 2016) – ela não está apartada dos gestos e, na ausência da locução verbal, as imagens permitem ao fiel compreender os seus múltiplos significados.

a Igreja Católica assume a pregação como ponto central de comunicação entre o fiel e o contexto divino. O aspecto visual não será ignorado e certas representações pictóricas serão desenvolvidas até o extremo, pois as cenas religiosas comunicadas com tal realismo tornaram-se potentes e mais eficazes do que qualquer sermão. As imagens transformam o que é conhecível imediatamente fácil: a imagem como discurso. (Mello, 2010: 204).

- 34 No contexto pandêmico de 2020, com as restrições de circulação impostas em inúmeros países o povo viu-se impedido de acorrer aos espaços sagrados (igrejas, santuários etc.) e de se reunir para suplicar a cura à divindade. Por força da doença, as autoridades sanitárias privaram os fiéis da possibilidade de responder por meio do ritual coletivo in praesentia a uma urgência epidemiológica. É neste momento que o gesto de Francisco opera de modo ritualmente catequético. Num processo de inversões simétricas, o papa comunica com o fiel um conjunto de elementos da crença, ao mesmo tempo em que acena para a necessidade de se respeitar tanto as indicações sanitárias quanto religiosas.
- 35 A primeira inversão dá-se no significado da procissão. Ao invés das imagens saírem às ruas, “purificando” o espaço na companhia dos fiéis, é o romano pontífice quem vai a seu encontro. Primeiro àquela que é a “saúde do povo romano” (num gesto *et urbi*), em seguida ora aos pés daquele que “veio para que todos tenham vida” (*et orbi*). Aquela relação intrínseca entre mãe e filho divinos e suas invocações em tempo de pandemia é atualizada no gesto do papa.
- 36 A oração silenciosa do papa é apresentada pelo Vaticano como a emanção do pedido de cada fiel que o acompanha através dos meios de comunicação¹⁶. Aquele cuja palavra é de direito – o pastor que conduz com sua voz o seu rebanho – permanece em silêncio, segunda inversão, fazendo reverberar a voz de cada crente. Francisco não porta, neste sentido, o seu próprio pedido, mas o de todos as pessoas. Ele se cala para que, por meio dele, a divindade “ouça” o seu povo.
- 37 Por fim, ele caminha só pelas ruas. O que poderia ser visto com um gesto de desobediência civil (abrir as igrejas e estar na rua quando se deveria estar dentro de casa), é lido como completa obediência: o servo dos servos de Deus¹⁷ põe o seu próprio corpo na rua para que os corpos dos fiéis (que é a própria igreja, na tradição cristã) permaneçam intactos. Reatualiza, enquanto sacerdote, o sacrifício de Cristo de ofertar-se em favor de muitos. Francisco caminha pelas ruas de Roma, porque só ele poderia fazê-lo, não porque é uma autoridade, mas porque está na “linha de frente¹⁸” de combate à doença.
- 38 O gesto de Francisco, ao mesmo tempo em que antecipa a cerimônia da semana seguinte, atualiza os fiéis sobre a centralidade da fé católica e acena para a necessidade de se seguir as orientações médicas. O milagre da cura não se dará, em síntese, pela súplica coletiva dos crentes nas ruas ou nos espaços de culto, mas em suas casas, unidos em oração.
- 39 No domingo seguinte a este evento, durante a oração dominical do *Angelus*, que passou a ser realizada na Biblioteca Vaticana sem a presença dos fiéis, ao invés da Praça de São Pedro, o papa anunciou a realização de um “momento extraordinário de oração em tempo de epidemia” com a bênção *Urbi et Orbi*.

O rito se atualiza na prática

- 40 Na proposta do antropólogo Marshall Sahlins (2008), se a cultura pode ser descrita a partir de certas estruturas que se estabelecem e se modificam através dos eventos, os quais são acontecimentos históricos significativos que permitem uma nova interpretação dos fenômenos culturais e sociais, por meio da estrutura da conjuntura a prática atualiza historicamente a estrutura, ao mesmo tempo em que a estrutura condiciona as modificações históricas. Isto só é possível quando se considera que um evento é um fenômeno autêntico que possui forma, força e causas próprias, cuja significância desses atributos é adquirida no contexto cultural; reconhece que a cultura pode ser alterada historicamente na ação porque os homens repensam seus esquemas convencionais. Segundo o autor, é possível falar até de “transformação estrutural”, pois
- [...] a alteração de alguns sentidos muda a relação de posição entre as categorias culturais, havendo assim uma ‘mudança sistêmica. Portanto, o que os antropólogos chamam de estrutura- as relações simbólicas de ordem cultural – é um objeto histórico (SAHLINS, 1990:8).
- 41 Embora o campo empírico de observação de Sahlins seja outro, esta proposição teórica é boa para pensar as transformações rituais observadas no interior do catolicismo ao longo dos séculos e, mais especificamente as adaptações litúrgicas¹⁹, implementadas nos últimos anos ou para acomodar eventos específicos como a pandemia causada pelo novo coronavírus.
- 42 Isto não significa dizer que as adaptações litúrgicas implementadas pela Santa Sé, no contexto da pandemia, produziram uma transformação estrutural do ritual católico, mas parafraseando Sahlins (2004), é possível observar uma atualização do rito na prática. Dito de outro modo, o que se observa na longa duração é que houve uma transformação estrutural de crença católica que permite o desenvolvimento de um complexo ritual, expresso por meio de ritos específicos, sob os quais são acomodadas as vicissitudes contingenciais. Não se alterar o ritual a cada novo fenômeno, mas tais condições são incorporadas na própria ação litúrgica, a qual se expressa por meios de termos que compõem uma gramática contingencial. Senão, vejamos dois exemplos: o primeiro deles relacionado à alteração de rubricas das celebrações da Semana Santa e o segundo, a própria benção extraordinária *Urbi et Orbi*.
- 43 O credo católico pode ser resumido na expressão da crença na encarnação, morte e ressurreição do filho divino, Jesus. A partir deste princípio, organiza-se um complexo sistema teológico, doutrinal e litúrgico para acomodar um conjunto de crenças que foram sistematizadas ao longo dos séculos de configuração do cristianismo. Do ponto de vista do ritual, é na celebração da eucaristia (da missa) que se pode encontrar o átomo da crença católica.
- 44 De fato, assim como na missa, toda e qualquer ação litúrgica católica de certa forma atualiza a crença na Paixão de Cristo (Oliveira, 2016), isto significa dizer que, os gestos, objetos rituais, orações etc. se organizam de tal forma para comunicar este evento. No calendário oficial de celebrações, esta centralidade se expressa no chamado Ciclo Pascal, que é formado pelo Tempo da Quaresma (cujo início se dá na Quarta-feira de Cinzas e se estende por cinco semanas até a quarta-feira que antecede a Quinta-feira Santa) e o Tempo Pascal (iniciado com o Tríduo Pascal – na quinta-feira da Semana Santa – e termina com a Festa de Pentecostes, sete semanas depois)²⁰.

- 45 Sendo, portanto, a Semana Santa (e no seu interior o Tríduo Pascal – que contempla o conjunto de celebrações desenvolvidas na Quinta-feira Santa, na Sexta-feira da Paixão e no Sábado de Aleluia) o centro da vida celebrativa cristã, ela possui uma estrutura cuja alteração pode ser objeto de grande controvérsia e disputas teológicas, políticas e sociais importantes (Miranda, 2001). Diante da quarentena imposta por autoridades governamentais, em várias localidades no mundo, ao invés de disputar uma narrativa sobre a ocupação do espaço público para realização de seus rituais, sob o argumento da eficácia da proteção divina, a Igreja Católica racionaliza a expressão da crença e, no seu interior, encontra justificativa para produzir uma “atualização” no modo de celebrar os ritos pascais.
- 46 Em 22 de março de 2020, o Papa Francisco fez dois anúncios paradigmáticos: primeiro, afirmou que as celebrações pascais seriam realizadas sem a presença dos fiéis e transmitidas pelos meios de comunicação; e o segundo, tratou da convocação para um momento extraordinário de oração, com a bênção *Urbi et Orbi*.
- 47 Como centro ritual da fé católica, a Semana Santa reúne um conjunto de ações celebrativas, produzindo uma efervescência na manifestação da crença: são procissões, adorações, vias-sacras, retiros etc. cujas expressões locais assumem características próprias que dialogam com o modo popular de viver o catolicismo a partir de contextos culturais específicos. A Igreja que por um lado incentiva tais ações e, por outro, tentava controlar este “sagrado selvagem” (Bastide, 2006) baixando normativas litúrgicas, no contexto da pandemia exerce seu poder disciplinar e revoga toda e qualquer celebração com o povo e reduz o ritual à sua forma canônica centrada na figura do sacerdote. Assim se expressa a Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, órgão executivo da Santa Sé que normativa as ações litúrgicas:

Considerando a rápida evolução da pandemia da Covid-19 e tendo em conta as observações provenientes das Conferências Episcopais, esta Congregação oferece uma atualização das indicações gerais e sugestões já dadas aos bispos no precedente decreto de 19 de março de 2020.

Uma vez que a data da Páscoa não pode ser transferida, nos países atingidos pela doença, onde estão previstas restrições relativas à aglomeração e movimentação de pessoas, os Bispos e os Presbíteros celebrem os ritos da Semana Santa **sem concurso do povo e num lugar adequado, evitando a concelebração e omitindo o gesto da paz.**

Os fiéis sejam avisados da hora de início das celebrações, de modo a poder **unir-se em oração nas suas próprias casas. Poderão ajudar os meios de comunicação por telas ao vivo, não gravados.** Em todo o caso, continua a ser importante dedicar um tempo oportuno à oração, valorizando, sobretudo, a *Liturgia Horarum* [Liturgia das Horas].

As Conferências Episcopais e cada diocese não deixem de oferecer subsídios para ajudar na oração familiar e pessoal.

1 – Domingo de Ramos. A Comemoração da entrada do Senhor em Jerusalém deve celebrar-se dentro do edifício sagrado; nas igrejas Catedrais adote-se a segunda forma prevista pelo Missal Romano, nas igrejas paroquiais e demais lugares, a terceira.

2 – Missa crismal. Avaliando a situação concreta em cada país, as Conferências Episcopais poderão dar indicações sobre uma eventual transferência para outra data.

3 – Quinta-Feira Santa. O lava-pés, já facultativo, seja omitido. No final da Missa da Ceia do Senhor seja omitida também a procissão e o Santíssimo Sacramento seja conservado no sacrário. Neste dia, **a título excepcional, concede-se aos**

Presbíteros a faculdade de celebrar a Missa sem o concurso do povo, em lugar adequado.

4 – Sexta-Feira Santa. Na Oração Universal, os Bispos terão o cuidado de preparar uma **intenção especial pelos que se encontram em perigo, os doentes, os defuntos** (cf. Missal Romano). **O ato de adoração à Cruz com o beijo seja limitado apenas ao celebrante.**

5 – Vigília Pascal. Celebre-se exclusivamente nas igrejas catedrais e paroquiais. Para a Liturgia batismal, mantenha-se apenas a renovação das promessas batismais (cf. Missal Romano).

Para os seminários, as residências sacerdotais, os mosteiros e as comunidades religiosas sigam-se as indicações deste Decreto. **As expressões da piedade popular e as Procissões que enriquecem os dias da Semana Santa e do Tríduo Pascal, a juízo do Bispo diocesano, poderão ser transferidas para outros dias convenientes, por exemplo, 14 e 15 de setembro.** (Congregação Para o Culto Divino, 2020, s/p. grifo nosso)

- 48 É interessante notar que as normativas apresentadas incidem sobre aspectos celebrativos em que a participação dos fiéis se dá de forma remota “por meio dos comunicação por meio de telas ao vivo, não gravadas”. Ao precisar o uso de telas, resguarda-se a necessidade do olhar no processo de participação no ato ritual, o qual deve ser acompanhado “ao vivo” e não por meio de reprises gravadas. A ação ritual, que não pode sofrer alteração no tempo, é submetida às condições do espaço. Ao sacerdote, reserva-se o dever de rezar sozinho, como síntese da prece dos fiéis (conforme apontamos acima), mesmo nos locais onde a vida em comunidade está dada por princípio: mosteiros, conventos, seminários etc.
- 49 Percebe-se, neste sentido, que a ação normativa da Igreja não atinge de modo a considerar os juízos particulares, mas aciona – sem verbalizar – o poder de governar os corpos dos fiéis independentemente de suas condições locais. Reserva-se apenas a possibilidade de transferir para outros momentos as “expressões de piedade popular”, ou seja, tudo aquilo que tangencia o ritual, mas não se confunde com seu núcleo. A sugestão de data para que isto ocorra também não é aleatória: no dia 14 de setembro a Igreja Católica celebra a festa da “Exaltação da Santa Cruz” e, no dia 15 do mesmo mês, a memória de Nossa Senhora das Dores, ou seja, duas celebrações que estão intimamente relacionadas à Semana Santa. Desloca-se no tempo a devoção popular, mas sem alterar seus princípios doutrinários.
- 50 Cabe ainda um destaque com relação ao item 4, sobre a Sexta-feira Santa, que prevê uma invocação especial a ser acrescentada na Oração Universal, para acomodar o tema da pandemia. Na celebração da missa, estas invocações (também conhecida como “oração dos fiéis”) reúnem o conjunto de súplicas e agradecimentos específicos da comunidade local. Na Sexta-feira da Paixão, único dia litúrgico em que se proíbe a realização de missas (isto é, não há o rito de transubstanciação do pão e do vinho no corpo e sangue de Cristo, respectivamente), a Oração Universal do ritual prevê dez invocações obrigatórias, nesta ordem: i. pela Igreja Católica, ii. pelo Papa, iii. por todos os ministros (sacerdotes) e pelos fiéis, iv. pelos catecúmenos (aqueles que serão batizados no dia seguintes), v. pela unidade dos cristãos, vi. pelos judeus, vii. pelos que não creem em Cristo, viii. pelos que não creem em Deus, ix. pelos governantes e x. pelos “atribulados”²¹.
- 51 A décima invocação já prevê situações como a pandemia causada pelo novo coronavírus; entretanto, a Igreja sublinha este aspecto e incita as conferências episcopais (conselhos de bispos de um ou mais países) a elaborarem orações específicas.

No caso brasileiro, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) elaborou a invocação e a oração seguintes, que foram regularmente aprovadas pela Santa Sé:

IX b. Pelas vítimas da atual pandemia

Oremos por todos os que sofrem as consequências da atual pandemia; para que Deus nosso Senhor conceda a cura aos enfermos, força aos que trabalham na saúde, conforto às famílias e a salvação a todas as vítimas mortais.

Oração em silêncio. Depois o sacerdote diz:

Deus eterno e onipotente, único refúgio daqueles que sofrem, ouvi benignamente a aflição dos vossos filhos que sofrem esta pandemia; aliviai a dor de quem sofre, dai força a quem está a seu lado, acolhei na vossa paz os que já pereceram e fazei com que todos encontrem o auxílio da vossa misericórdia neste tempo de tribulação. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo. (Congregação Para o Culto Divino, 2020a)

- 52 A CNBB optou por acrescentar uma invocação específica para o contexto pandêmico antes da súplica sobre todos os “atribulados”. Merece destaque o fato de que não se pede o fim da pandemia. De fato, salvo em alguns momentos específicos, esta será a postura da Igreja Católica, que opta por apresentar três súplicas específicas: o restabelecimento da saúde aos infectados, suporte aos profissionais que atuam “na linha de frente” e às famílias enlutadas e a salvação eterna aos que morreram. Desde modo, tanto no discurso quanto nos atos rituais, a instituição reforça seus princípios doutrinários: crença da ciência (o fim da pandemia virá na medida em que forem cumpridas as medidas sanitárias e a medicina desenvolva terapêuticas eficazes) e na intervenção divina a partir da atuação dos sujeitos. O milagre, portanto, se processa de modo racional ou, ao contrário, a medicina é exercida como ato devocional.
- 53 Por fim, o momento de oração e a benção extraordinária. É preciso destacar que a invocação da proteção divina (benção) sobre o povo, as coisas e os eventos é prática antiga nos contextos religiosos. Alguns destes atos mágicos são reservados a tempos específicos e só podem ser realizados por sacerdotes que possuam o *múnus* para tal. No caso da Benção *Urbi et Orbi*, somente o papa pode evocá-la e o faz em momentos paradigmáticos: no Domingo de Páscoa, na Solenidade do Natal de Jesus (25 de dezembro) e por ocasião do início do pontificado (no momento em que o novo papa é apresentado pela primeira vez ao público). Excepcionalmente, ela pode ocorrer em outros momentos, como em anos jubilares, ou quanto definida pelo pontífice.
- 54 A singularidade deste rito guarda estrita relação como o poder religioso atribuído ao papa e os seus efeitos sobre os fiéis, uma vez que ela concede a indulgência plenária, isto é, a remissão das penas temporais associados aos pecados cometidos²², e reveste o crente de uma proteção divina especial. Do ponto de vista da sua materialidade, dos gestos e palavra evocadas, em nada difere das demais bênçãos, inclusive se assume certa simplicidade, uma vez que não necessita de indumentárias específicas nem o uso de qualquer substância adicional (como a água). A “extraordinariedade” portanto, evocada no título da celebração, diz mais sobre o momento em que ela ocorre e menos sobre o ato em si.

Ao entardecer daquele dia

- 55 Era uma sexta-feira chuvosa, dia 27 de março de 2020, de modo que nem se percebia o pôr do sol. Um homem vestido de túnica branca cruzava a Praça de São Pedro vazia. É Francisco. O papa não portava guarda-chuva, nem estava ladeado por seguranças, fiéis

ou religiosos, como é comum se ver nas cerimônias públicas presididas pelo sumo pontífice. Tinha um tom sério, mas que não exprimia tristeza. O silêncio era a sua companhia.

- 56 Os fiéis tinham seus olhos fixos no evento transmitido por meio das telas²³. O ato foi transmitido ao vivo e simultaneamente através dos meios de comunicação católicos e seculares para o mundo inteiro²⁴. Via-se a movimentação de alguns integrantes da equipe técnica e pouquíssimos auxiliares na celebração: o mestre de cerimônias da Santa Sé, o leitor que proclamou um trecho do Evangelho, o coro, o sacerdote que expôs a eucaristia para adoração e o acólito que lhe acompanhava com o pálio. Embora presentes, era como se não estivessem, a centralidade era a figura do Papa só, de modo que esses outros atores apareciam em cena em momentos específicos e sempre como coadjuvantes. O *Vatican News* transmitiu simultaneamente pela internet, por meio de oito canais na plataforma YouTube; numa delas ouvia-se apenas o áudio original do evento, as demais contavam com narrações.²⁵
- 57 Diante da Sé de Pedro, na Colina Vaticana, erguia-se um presbitério simples: toldo branco, no centro uma cadeira, um microfone e um ambão. Não há flores. É a mesma estrutura utilizada nas celebrações públicas na praça de Pedro, a diferença está no fato de que normalmente esta estrutura abriga o altar (ricamente decorado). Mais adiante na praça, à esquerda de quem olha para a estrutura, encontra-se a *Mesa da Palavra*, o mesmo ambão utilizados nas missas, sem cobertura, mas à sua frente há flores. Ao fundo, no adro da Basílica, à esquerda junto à porta central, está o crucifixo vindo da Igreja de São Marcelo no Corso (Roma) e, à direita, o ícone de Maria *Salus Populi Romani* que é conservado na Basílica de Santa Maria Maior (Roma). Também a pedido de Francisco as imagens “milagrosas” foram levadas ao Vaticano, reproduzindo o gesto tradicional de conduzi-los à Sé de Pedro em momentos dramáticos para a vida da população romana.
- 58 Conforme apontou-se acima, o movimento *urbi et orbi*, para a cidade e para o mundo, marcará o desenvolvimento de todo o ritual. Concebido como uma ação para a igreja local romana, esvaziada pela pandemia, tem alcance para o mundo ao evocar ícones que dialogam tanto com o contexto local quanto com os princípios universais da fé católica. Como ficou demonstrado nas linhas precedentes, tudo foi planejado. E o controle da imagem, daquilo que se dá a ver ao mundo, também foi calculado de modo a produzir uma sensação de pertencimento não só à Igreja, mas à “humanidade”. Os comentários deixados pelas pessoas que acompanhavam o evento pela internet, e a repercussão na mídia não católica, atestam o efeito desta ação para além do contexto religioso.
- 59 O relógio marcava 18h em Roma, mas os sinos não tocaram anunciando a *Ave Maria*. Entra Francisco, rosto grave, passos firmes. Diante do presbitério, recebe o auxílio do padre italiano Monsenhor Guido Marini (Mestre das Celebrações Litúrgicas Pontifícias). Ambos não estão paramentados com vestes litúrgicas. Falta à Marini túnica e alva, ao Papa, além das vestes, não se vê as insígnias da autoridade episcopal: o báculo, a mitra, o pálio. Para a benção apostólica o ritual prevê o uso da mitra (sinal da autoridade episcopal) e do báculo (emblema do pastoreio). O Vigário de Cristo está despido.
- 60 Diante da cadeira, em pé, traça sobre si o sinal da cruz enquanto evoca a divindade trina: Pai, Filho e Espírito Santo. E convida o povo, que o acompanha remotamente ao redor do mundo por meio dos meios de comunicação (rádio, televisão e internet) a orar. Após mais um instante de silêncio, diz em italiano:

Deus todo poderoso e misericordioso, olha para a nossa dolorosa condição, conforta os teus filhos e abre os nossos corações à esperança, para que sintamos em meio a nós a sua presença de Pai. Por nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.²⁶

- 61 O Papa senta-se e acompanha a leitura de um trecho do Evangelho de Marcos (cap. 4, versículos 35 a 45), feita por um homem, vestido de terno, protegido por um guarda-chuva. O texto escolhido narra o evento em que Jesus entra num barco para ir à outra margem do rio, dorme durante o trajeto e uma tempestade ameaça a embarcação; acordado pelos discípulos, repreende-os pela “ausência de fé”, e ordena ao mar e à tempestade que cessem.
- 62 Este trecho bíblico dialoga, como apontamos anteriormente, com a mensagem que se quer transmitir, compõe a invocação inicial e fornece a base sobre a qual se assentará o discurso de Francisco. Durante toda a cerimônia, que dura cerca de uma hora, a palavra pandemia é pronunciada uma única vez, mas somente porque ela já constava no texto canônico da bênção, a qual é usada em diversas circunstâncias (assim como a décima súplica da Oração Universal da Sexta-feira Santa, evocada acima). Não se escolhe um texto bíblico que narra uma cura, mas justamente aquele que admoesta os fiéis para o sentido da crença: «Por que sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?», repetirá por quatro vezes o Papa, as palavras do Mestre Jesus.
- 63 E aqui temos a primeira inversão simétrica: não são os fiéis que interpelam a divindade, sobre o sofrimento advindo pelo coronavírus (mesmo que os discípulos, no texto proclamado, contestem o Messias: “Não te imporás que pereçamos” – versículo 38), mas é o próprio Deus quem interroga os fiéis o porquê do temor. Não se nega o caráter aterrador da pandemia (ou da tempestade) que escancara a vulnerabilidade humana “e deixa a descoberto as falsas e supérfluas seguranças com que construímos os nossos programas, os nossos projetos, os nossos hábitos e prioridades. Mostra-nos como deixamos adormecido e abandonado aquilo que nutre, sustenta e dá força à nossa vida e à nossa comunidade.” (Francisco 2020, s/p). Retoma-se, portanto, a centralidade da crença religiosa na condução do destino da humanidade e a necessidade de submeter ao juízo divino os projetos humanos.
- É a vida do Espírito, capaz de resgatar, valorizar e mostrar como as nossas vidas são tecidas e sustentadas por pessoas comuns (habitualmente esquecidas), que não aparecem nas manchetes dos jornais e revistas, nem nas grandes passarelas do último espetáculo, mas que hoje estão, sem dúvida, a escrever os acontecimentos decisivos da nossa história: médicos, enfermeiros e enfermeiras, trabalhadores dos supermercados, pessoal da limpeza, curadores, transportadores, forças policiais, voluntários, sacerdotes, religiosas e muitos – mas muitos – outros que compreenderam que ninguém se salva sozinho. (Francisco, 2020, s/p)
- 64 Num discurso de pouco mais de dez minutos, o Papa atualiza as proposições católicas sobre a vida social, apresenta mais uma vez a Igreja com a instituição moralmente idônea que pode *urbi et orbi* conduzir o destino da humanidade. De novo, não está em xeque o papel da medicina, mas o sentido da existência frente à pandemia. Destaca-se, neste movimento, que o enquadramento da câmera se conserva na figura de Francisco, mas desloca-se continuamente para mostrar a praça vazia, o Cristo crucificado e o ícone da mãe de Deus, de modo que a fala do papa junto com esses outros elementos se constitui como uma tela em que se vê o conteúdo do discurso.
- 65 Terminada a homilia, o Papa deixa o presbitério acompanhado pelo mestre de cerimônias, sob a chuva e ao som do órgão de tubos e vai em direção à entrada da igreja. No átrio, uma área coberta da igreja, mas ainda fora dos portões da basílica, há

seis fogareiros com suas chamas acesas, enfeitados com folhagens verdes. Ao lado esquerdo, o ícone de Maria, sobre um pedestal vermelho com flores brancas e folhagem verde. Do outro lado, o crucifixo adornado com folhagens verdes. Disposições não aleatórias. A imagem de Maria, à direita do Cristo, retoma o salmo 44 que indica o lugar de prestígio da rainha, que se veste de esplendor (flores brancas) apesar do tempo litúrgico obrigar a discrição²⁷.

- 66 O Papa se dirige a ela, em pé, reza mais uma vez só e em silêncio enquanto o coro entoa *Sub tuum praesidium*²⁸ [sob a tua proteção] tido pela tradição católica como o hino mais antigo dedicado à Virgem Maria. O canto de certo modo dialoga com a oração mariana mais conhecida, a “Ave Maria”, cuja segunda parte apresenta uma súplica à mãe de Deus diante das dificuldades terrenas. Os seis fogareiros atendem a prescrição ritual de dispor sobre ou ao redor do altar um conjunto de seis velas nas celebrações presididas por um bispo, ou cinco quando se trata de um padre. Sete é o número da perfeição, assumido pela tradição cristã, e seis revela a imperfeição do sumo pontífice. Ao final da oração, Francisco toca o ícone e se dirige para a imagem do Crucificado.
- 67 Diante do Cristo, em pé, enquanto ora em silêncio, o coro entoa – em latim – a invocação feita durante a oração da Via Sacra²⁹: “Nós vos adoramos e vos bendizemos, porque pela vossa santa cruz, remistes o mundo” (em tradução livre). Em seguida, como na Sexta-feira Santa, beija os pés da imagem.
- 68 Entra na Basílica. A igreja está vazia, mas completamente iluminada. Na entrada, um altar com toalhas brancas e seis velas (três de cada lado). À sua direita avista-se o coro. Uma cadeira foi posta logo à porta, com o espaldar voltado para a praça, de modo que o Papa ficasse de frente para o altar. É importante destacar que não se trata do altar fixo da igreja, mas um colocado especialmente para a celebração. Enquanto o papa entrava na igreja e colocava a capa magna e a estola branca (utilizada nas celebrações com exposição do Santíssimo Sacramento), as câmeras de tevê mostravam a praça, o crucifixo e a imagem dos doze apóstolos que estão na fachada da Basílica.

Indo para a outra margem

- 69 Um cerimoniário acompanhado por um acólito com o pálio³⁰ traz a eucaristia num ostensório e a deposita sobre o altar, retirando-se de cena. Começa a segunda parte do ritual: a adoração ao Santíssimo, isto é, ao próprio Cristo no pão consagrado, de acordo com a teologia católica. Enquanto entoa-se o canto *Adoro te devote, latens Deitas* [nós vos adoramos devotamente, ó divindade escondida], o papa recebe do cerimoniário o turíbulo, acrescenta o incenso e dirige-se ao altar para incensá-lo. Observa-se que na porta da Basílica, entre os fogareiros, fora acrescentado um sétimo, este contendo incenso cuja fumaça sobe abundantemente.
- 70 Enquanto estava na praça, só e falando ao povo, Francisco estava despojado de suas vestes litúrgicas, entra na igreja ricamente adornada e iluminada e reveste-se das indumentárias sacerdotais. Retira o solidéu, sinal de que se despoja diante da divindade presente. Nota-se que também o mestre de cerimônias está paramentado com túnica e sobrepeliz. Em silêncio, após incensar o ostensório, sentado, o Papa contempla as espécies eucarísticas. Assim permanece por cerca de cinco minutos. O silêncio é quebrado pelas jaculatórias de adoração prevista no ritual sobre as “Diversas formas de

culto à santíssima eucaristia”. As câmeras de tevê oscilam entre mostrar o ostensório, o Papa e o crucifixo.

- 71 Não há, neste momento, nenhuma prece espontânea, nem sermão. Contempla-se a eucaristia, enquanto repete-se as palavras do ritual. A pandemia é mencionada no mesmo lugar estrutural de outros males que atingem a humanidade: o pecado, a desesperança, o medo, o egoísmo etc. Finalizadas as súplicas, enquanto o fogareiro é alimentado com incenso, Francisco com o turíbulo incensa novamente o ostensório ao som de *Tantum ergo Sacramentum* [Tão sublime sacramento]³¹. Segue a oração ritual proferida pelo Papa. Enquanto o cerimoniário coloca sobre o sumo pontífice o véu umeral, anuncia-se, conforme prevê o rito, a benção *Urbi et Orbi*. Neste instante, rompe-se o silêncio e os sinos tocam. Francisco, com o ostensório em mãos, caminha até a soleira da porta e traça o sinal da cruz sobre uma praça vazia: uma em direção a leste, outra a oeste e, por fim, ao sul. Não o faz na direção norte, pois ali encontra-se a Basílica.
- 72 Retorna ao interior da igreja e as invocações prosseguem conforme prevê o cerimonial, em que se exaltam os méritos de Cristo, de sua mãe e dos santos. Sob o canto *Laudate dominum omnes gentes* [Louvai o senhor, todas as nações], o Santíssimo Sacramento é recolhido pelo cerimoniário no sacrário, enquanto papa se retira. A transmissão termina com o mesmo quadro que iniciou: mostrando a praça de São Pedro, os apóstolos na fachada da Basílica, e o Cristo redentor, a igreja iluminada e o rosto do Crucificado; volta o silêncio.

«Porque sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?»

- 73 A prece, de acordo com Marcel Mauss (1999), é um fato social, um ato coletivo. Mesmo a oração individual é um ato coletivo, pois o fiel participa por meio da prece de um sistema de crença que torna possível e inteligível a ação realizada. Nas cenas narradas acima, a oração do Papa Francisco pode ser compreendida, a partir do regime de crença católico, como a radicalização (ou a performatização pública) desta premissa. O chefe da Igreja ora só em nome do povo, para o benefício do povo e em comunhão com ele, assim fazendo porque quando o sacerdote suplica, é a instituição que suplica e, num momento radical marcado por uma pandemia de escala global, só um suplicante universal é capaz de orar pela humanidade toda e cada um em particular (*urbi et orbi*).
- 74 Uma vez que os fiéis não podem sair à rua ou ir à igreja para suplicar, é ele, o sumo pontífice, quem faz as vezes do povo (na rua) e a do sacrificante (na igreja). Neste contínuo entre o dentro e o fora, *urbi et orbi*, igreja e rua, morte e vida, súplica e benção, eucaristia e crucifixo é posto em movimento a crença católica na capacidade divina de intervir no destino da humanidade. Uma crença que se manifesta por meio da prece de cada fiel, mas sobretudo, através daquele que o ocupa o lugar institucional de mediação entre o povo e a divindade, o Vigário de Cristo.
- 75 Assumindo este papel, como sacerdote que dirige a igreja em todo mundo, o Papa se apresenta também como o mediador possível entre a humanidade e Deus. O *urbi* da benção não mais se limita à cidade de Roma, mas pode ser lido como uma metáfora para o catolicismo; enquanto a *orbi*, o mundo, alcança todos os outros sujeitos. Se a presença do povo nas procissões foi impedida pelas medidas sanitárias, o corpo do papa (que

normalmente não caminha pela rua), ocupa todo o espaço: é o corpo da igreja (todos os fiéis) que caminha nele.

- 76 Diante do ícone de Maria, invocada como a “saúde do povo romano” (*urbi*) e aos pés do Cristo que sofreu a morte para a salvação de todos (*orbi*), a prece de Francisco é silenciosa, porque é a oração da Igreja. Ou seja, quando o papa profere sua oração, é a igreja quem ora; não é, portanto, uma locução de um indivíduo. Dito de outro modo, o que se exprime não é um simples indivíduo, mas uma força social (Mauss, 1999:250).
- 77 Quando se observa mais atentamente a oração do Papa Francisco, a partir dos três eventos descritos, percebe-se a continuidade de um e o mesmo rito orante, que aciona de modo sintético o cerne da crença católica, tanto nos seus aspectos teológicos mais complexos (a virgindade materna; a encarnação, morte e ressurreição do Cristo e sua presença real na eucaristia) e também da chamada “piedade popular” (as procissões, a crença na intervenção miraculosa, a benção). Como se afirmou anteriormente, opera-se uma atualização do rito na prática e os termos da prece o confirmam: o evangelho proclamado, o sermão, a adoração e a benção. Percebe-se no rito de adoração e benção que se cumpre estritamente o que preveem os textos litúrgicos. Utilizam-se os cantos e as invocações mais tradicionais.
- 78 Quando se opta por não colocar em primeiro plano a pandemia e a súplica pela cura milagrosa, mas a necessidade de se confiar na agência da divindade e da medicina, a celebração sintetiza e traduz numa gramática pública o posicionamento institucional da Igreja Católica no enfrentamento à doença. Ao não se invocar o nome da enfermidade, revela que a situação pandêmica, lida a partir da perspectiva da crença católica, não possui força suficiente para modificar o ritual, pelo contrário são os ritos que, na sua amplitude mítica, acolhem e acomodam a pandemia retirando dela seu caráter incontrolável.
- 79 É possível argumentar que, por meio deste rito a Igreja procura “catequizar” os sentidos atribuídos à pandemia, reelaborando novos significados para o distanciamento físico entre as pessoas, o qual passa a não equivaler ao isolamento social. Isto é, coloca sob a lente da crença católica os efeitos sociais da pandemia, ressignificando a noção de “estar junto” e, por meio da transmissão das cerimônias, produzindo formas de aproximação entre as pessoas. Aproximação que só se realiza de modo radical por meio da fé e, por extensão, da prece.
- 80 No limite, Francisco também é apresentado como alguém que está “na linha de frente”, no enfrentamento da doença. Neste sentido, a escolha do texto bíblico para a celebração é paradigmática, pois interpela individualmente cada pessoa a assumir suas responsabilidades no combate não apenas ao coronavírus, mas ao “mal” que produz os “distanciamentos das pessoas”.
- 81 Neste deslocamento entre *urbi* e *orbi*, dentro e fora, praça e igreja, tudo em Francisco se transforma: as vestes, a fala, a expressão facial. Na praça vazia, o papa fala às multidões que o acompanham ao vivo pelas telas; exorta-os a reacender a esperança na humanidade e a crença na divindade. Sua prédica não se dirige à divindade, não há súplica nem oblação; sua oração trata da presença divindade no mundo. A exortação papal é dirigida aos fiéis ao reafirmar a onipotência e a onipresença divinas, sem síntese, aponta menos para a pandemia e mais para o ato de crer.

Sem dúvida, todos estes ritos põem em movimento poderes religiosos, que contribuem para dar esta qualidade nova àquilo que é declarado, desejado, prometido. Mas o termo do ato não é a influência conquistada sobre as coisas

religiosas, mas é a mudança de estado produzidas no objeto profano. Ao contrário, a prece é antes de tudo um meio de agir sobre os seres sagrados; estes é que são influenciados por ela, é nestes que ela suscita modificações.” (Mauss. 1999: 272)

- 82 Ao adentrar a igreja, o pontífice paramenta-se com as vestes rituais apropriadas. O templo iluminado contrasta com a escuridão e frieza da praça vazia. Lá fora, queima o incenso que sinaliza a súplica do povo); dentro, ao ser manipulado pelo sacerdote no ato de incensar o altar, aponta para a presença divina.
- 83 Durante o rito no interior da basílica, não há sermão, nem preces espontâneas, é o silêncio que impera. O silêncio na igreja e o vazio na praça não são termos equivalentes, mas inversamente complementares: aqui revela o medo e o desamparo (os fiéis que acorrem ao mestre que dorme, porque sofrem); ali a postura de quem escuta e confia. É preciso calar-se para ouvir o outro. Se ao olhar a praça vê-se somente ausência, no interior da igreja nota-se a completa presença. Eis a cena imagética que a Igreja dá a ver ao mundo: a crença católica na cura.
- 84 Entre igreja e praça, no átrio, o Cristo morto, a vítima sacrificial e ao seu lado a Mãe acolhedora, testemunha da entrega. A passagem entre um e outro espaço (dentro e fora) só é possível a partir da reverência aos ícones máximos do catolicismo: a devoção mariana e o crucifixo. E aqui é importante retomar a descrição do ícone da *Salus Populus Romani*: o semblante sereno da Virgem que contrasta com o olhar angustiado do Filho. É amparado por ela que se supera a angústia da morte e é morrendo com ele, que se pode entrar na vida (que se pode passar da praça vazia e escura à igreja iluminada e cheia). Eis uma síntese possível do credo católico operando em múltiplos níveis.
- 85 É interessante notar que também há a ausência de féis no interior da Basílica, é como se os auxiliares presentes (como a equipe técnica dos meios de comunicação) estivessem ali apenas para permitir o encontro do Papa com o Cristo, do povo como o seu Deus. Entretanto, não se tem a sensação de abandono e desamparo experimentado na praça, justamente porque, às vezes o efeito útil da prece “reduz-se a um simples conforto trazido àquele que reza, é o mundo divino que absorve quase toda a sua eficácia” (Mauss, 1999:273).
- 86 A ausência do povo orante *in praesentia* exacerba a natureza do rito. Enquanto ato mágico coletivo e institucional, a cerimônia prescinde tanto do povo quanto do mundo, embora atue diretamente sobre eles, pois seus efeitos os alcançam, uma vez que não é a fé individual do sujeito que valida o ato mágico, mas sua eficácia se manifesta na figura do sacerdote que ora por todos, pois o sacerdócio só existe enquanto pura crença. Deste modo, o Papa Francisco vai à praça não para suplicar, mas para inquirir os fiéis sobre a razão da descrença, repete, como fora sublinhado anteriormente, as palavras do Cristo no texto lido: “*Por que sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?*”.
- 87 Não se suplica o término da pandemia causado pelo novo coronavírus, que mata os corpos e produz a ausência material do sujeito. Pede-se o fim da descrença que produz o desaparecimento do sujeito orante e, portanto, da divindade. O rito não apela à desobediência das determinações das autoridades sanitárias nem tampouco à supressão da crença, mas a uma conciliação entre os dois termos: ciência e fé.

Acalme-se! E o vento se aquietou

- 88 A partir da descrição densa de uma celebração católica, procurou-se refletir neste texto sobre os múltiplos significados da cerimônia presidida pelo Papa Francisco, que rezou só na praça de São Pedro, no Vaticano, em razão da pandemia causada pela Covid-19. Destacou-se que enquanto uma manifestação essencialmente social (Mauss, 1999:248) a oração prescinde da presença física do fiel junto ao sacerdote para que lhe seja alcançado os seus efeitos. Argumentou-se que ao constituir historicamente o seu ritual articulando discurso, performance gestual e uso de imagens de modo a produzir uma experiência sensível no fiel, a Igreja Católica se coloca na esfera pública apresentando a religião como uma posição legítima de enunciação de ações de enfrentamento à pandemia.
- 89 Portanto, mesmo com o processo de racionalização da crença e dos sentimentos, o recurso à imagem não foi abandonado pelo catolicismo, mas ganhou novos contornos tanto na modernidade quanto na contemporaneidade. Conclui-se que o rito *urbe et orbi* estendeu seus efeitos tanto para dentro quanto para fora da Igreja, na tentativa de alcançar distintamente fiéis e não católicos, ao acionar sentimentos tidos como "universais" (como a solidão, o medo, a esperança e a solidariedade). A oração de Francisco em contextos pandêmicos permitiu à Igreja atualizar no rito o mito sobre a universalidade da fé cristã.

BIBLIOGRAFIA

BASTIDE, Roger. Sens et usages du terme structure dans les sciences humaines et sociales. PARIS: The Hague, Mouton, 1962.

_____. O sagrado selvagem e outros ensaios. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. DECRETO - sobre a intenção especial a acrescentar à Oração Universal durante a celebração da Paixão do Senhor unicamente para o ano de 2020a. Disponível em: < <https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/sites/32/2020/04/DECRETO-sobre-a-inten%C3%A7%C3%A3o-especial-a-acrescentar-%C3%A0-Ora%C3%A7%C3%A3o-Universal-durante-a-celebra%C3%A7%C3%A3o-da-Paix%C3%A3o-do-Senhor-unicamente-para-o-ano-de-2020-1.pdf> > Acesso em 05 ago 2020.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. DECRETO - Em tempo de Covid-19 (II). Disponível em: < <https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/sites/32/2020/03/Decreto-sobre-a-Semana-Santa-2020-2-Tradu%C3%A7%C3%A3o-para-o-Brasil-1.pdf> > Acesso em 05 ago 2020.

DAMASCENO, Caetana M. Cantando pra subir: orixá no altar, santo no peji. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Museu Nacional-UFRJ, Rio de Janeiro, 1990.

FOGELMAN, Patricia y (2004), Una economía espiritual de la salvación: Culpabilidad, Purgatorio y acumulación de indulgencias en la era colonial. Andes, n. 15, Disponível em <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=127/12701502>>. Acesso em 28 Ago 2020.

FRANCISCO, Papa. Mensagem Urbi et Orbi. Sexta-feira, 27 de março de 2022. Disponível em <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/urbi/documents/papa-francesco_20200327_urbi-et-orbi-epidemia.html>. Acesso em 20 Ago 2020.

JOÃO PAULO II, Papa. *Fides et ratio*. São Paulo: Paulinas, 2001. 5 ed.

KOJIMA, Yoshie. Reprodução da imagem da Madonna Salus Populi Romani no Japão. Cadernos de História UFPE. v. 12, n. 12 (2017), pp18-29.

MAUSS, Marcel. Ensaio de Sociologia. São Paulo: Perspectiva, 1999.

MELLO, Magno Moraes. O espaço sagrado e o espaço físico: o uso das imagens entre retórica e visão religiosa. In: ASSIS, A. A. F.; PEREIRA, M. S. Religiões e religiosidades – entre a tradição e a modernidade. São Paulo: Paulinas, 2010.

MIRANDA, Mario de França. Inculturação da fé: uma abordagem teológica. São Paulo: Loyola, 2001.

MOERSCHBACHER, Marco; MADUKU, Ignace Ndongala (orgs.). Culture et foi dans la théologie africaine: le dynamisme de l'Église catholique au Congo Kinshasa. Paris: Karthala, 2014.

MONTERO, Paula (org). Religião e controvérsias públicas – experiências, práticas sociais e discursos. Campinas: Unicamp; São Paulo: Terceiro Nome, 2015.

MONTERO, Paula. Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil. Novos Estudos – CEBRAP, v. 74. 2006.

OLIVEIRA, Rosenilton Silva de Oliveira. Orixás a manifestação cultural de Deus: uma análise das liturgias católicas “inculturadas”. Rio de Janeiro: Mar de Ideias Navegação Cultural, 2016.

ROLDÁN, Verónica. O papel dos católicos na política – o caso italiano. In: ORO, Ari Pedro et al. (orgs) A religião no espaço público: atores e objetos. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

SAHLINS, Marshall D. Cultura na prática. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2004.

_____. Ilhas de história. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1990.

_____. Metáforas históricas e realidades míticas. Rio de Janeiro, Zahar Editor, 2008.

SANTOS FILHO, Gabriel. O catolicismo brasileiro e a construção de identidades negras na contemporaneidade: um olhar socioantropológico sobre a Pastoral Afro-brasileira. Salvador: Edufba, 2012.

VALVERDE, Michel Farah; OLIVEIRA, Rosenilton Silva de. A arte sacra e sua significação para a religiosidade sorocabana. Revista Ciberteologia. Revista de Tecnologia e Cultura. v3. 09 Ano II, jan/fev 2002.

VIER, Frederico (org). Compêndio do Vaticano II – constituições, decretos, declarações. Petropolis: Vozes, 2000. 29ed.

ZHU, Na et. all. A Novel Coronavirus from Patients with Pneumonia in China, 2019. N Engl J Med. Fev 2020; v. 382, p. 727-733. Disponível em <<https://www.nejm.org/doi/10.1056/NEJMoa2001017>>. Acesso em 28 de Ago 2020.

NOTAS

1. Agradeço à Ilana Katz, Denise Pimenta e Jacqueline Moraes Teixeira pela escuta sobre as primeiras ideias deste texto; e ao João Paulo Cardoso, pelo suporte com os textos litúrgicos católicos.
2. Considera-se que o jogo de futebol realizado na véspera, na cidade de Milão, funcionou como o estopim para a propagação do vírus em território italiano (jamanetwork.com/journals/jama/fullarticle/2763188)
3. São paradigmáticas neste sentido, as declarações do presidente do Estados Unidos da América, Donald Trump (<https://www.bmj.com/content/368/bmj.m941>) e do presidente brasileiro, que segue a mesma linha, contrariando as recomendações médicas.
4. Doença Coronavírus -2019, em tradução livre da sigla em inglês.
5. No Brasil, por exemplo, enquanto o governo federal defendia medidas mais brandas com relação à circulação de pessoas, sob o argumento que estava preservando a economia, setores da sociedade civil organizada e governos locais (municipais e estaduais) advogavam o contrário. A contenda foi decidida no Supremo Tribunal Federal, que enfatizou a autonomia das prefeituras em relação às medidas restritivas para o enfrentamento da nova epidemia. Uma síntese desse movimento pode ser acessada no site Outras Palavras, disponível em <https://outraspalavras.net/outrasaude/o-suplício-do-cpf-para-tirar-o-cnpj-da-uti/> Acesso em 30 de Ago de 2020.
6. No site da OMS é possível acessar uma cronologia atualizada do desenvolvimento da pandemia, com as ações globais. Uma versão igualmente atualizada, porém mais sintética, pode ser acessada em *The Covid Textbook*, disponível em: https://covidreference.com/timeline_pt. Acesso em 30 de agosto de 2020.
7. No Brasil, um dos vídeos produzidos pelos fiéis pode ser acessado no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=6ey7yQHebnU> Acesso em 30 de agosto de 2020.
8. A Academia foi refundada por Pio XI em 1936, e anualmente premia cientistas nos vários campos do saber, além de financiar pesquisas. Sobre a atuação da Pontifícia Academia de Ciências, vide <http://www.pas.va/content/accademia/en.html>
9. Os conteúdos são produzidos em oito línguas principais: italiano, inglês, francês, espanhol, português, árabe, chinês e alemão; outras trinta e três estão em desenvolvimento. Sobre o Vatican News acesse: <https://www.vaticannews.va/pt/quem-somos.html>
10. Os conclaves são os processos de eleição de um novo papa. Embora o rito seja reservado aos cardeais votantes, o público acompanha os resultados das votações a partir da fumaça emitida a partir da Capela Sistina, no Vaticano, a cada turno. A fumaça branca indica que o candidato foi escolhido. O primeiro Conclave a ser transmitido ao vivo foi realizado em 1958, no qual foi eleito João XXIII.
11. Disponível em: http://www.vatican.va/various/basiliche/sm_maggiore/fr/storia/popup_storia/popup_borghese3.html acesso em 30 de agosto de 2020.
12. O rito pré-conciliar previa que no momento de abençoar os fiéis, o sacerdote deveria unir o polegar com anelar inclinado para a palma da mão, mantendo os dedos indicador, médio e mínimo elevados. O que permitia visualizar as duas letras gregas “alpha” e “ômega”, um dos títulos de Jesus, que é evocado como “princípio e fim” de todas as coisas.
13. João Paulo II autorizou a reprodução da imagem – evocada como “Estrela da Evangelização” – que junto com uma cruz, passou a integrar os símbolos itinerantes das Jornadas Mundiais da Juventude – evento católico idealizado pelo mesmo papa, que reúne bianualmente jovens do mundo todo numa celebração com o romano pontífice.
14. Conforme narrativa divulgada pela própria Igreja disponível em: <https://www.sanmarcelloalcorso.eu/lachiesa.html> Acesso em 30 de agosto de 2020.

15. Disponível em: <http://www.korazym.org/40033/venerdi-27-marzo-preghiera-di-supplica-e-benedizione-urbi-et-orbi-per-chiedere-la-fine-della-pandemia/euhcxcjwaaecqj1/> Acesso em 30 de agosto de 2020.
16. <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2020-03/papa-francisco-visita-igreja-roma-coronavirus-cruz-milagrosa.html>
17. Um dos títulos atribuído ao papa
18. Expressão utilizada para se referir aos profissionais que, em razão do combate à pandemia, ficam constantemente expostos ao risco de contaminação. Inicialmente fora atribuído aos profissionais da saúde e segurança, posteriormente foi alargado para contemplar todas as pessoas que não puderam cumprir a quarentena em suas casas em razão da atuação profissional nos chamados “serviços essenciais”. Em suas homilias diárias Francisco dedicou especial atenção aos profissionais “invisíveis”: faxineiros, garis, atendentes em supermercados, coveiros etc. As homilias papais estão disponíveis integralmente em: <http://www.vatican.va/content/francesco/it/homilies/2020.index.html#homilies>.
19. Sobre as modificações na liturgia católica a partir dos contextos culturais, é paradigmático o processo conhecido como “inculturação da liturgia” que mobilizou a Igreja na República Democrática do Congo, desde o início do século XX (MOERSCHBACHER; MADUUKU, 2014) e assumiu contornos específicos no Brasil, a partir dos anos de 1980 (DAMASCENO, 1990; SANTOS, 2012; OLIVEIRA, 2016).
20. Sobre a organização do calendário litúrgico católico, veja Oliveira (2016). É preciso considerar que a “semana litúrgica” não compreende necessariamente sete dias, assim como um dia não corresponde a 24 horas, mas a um complexo sistema de organização do tempo de acordo com as obrigações rituais propostas para cada intervalo temporal.
21. De modo geral, engloba todas as pessoas atingidas por alguma vicissitude: guerra, emigração forçada, desterrados, doentes, que passam necessidades materiais ou estão nas prisões.
22. A indulgência não equivale ao perdão dos pecados, o qual é concedido na medida em que o fiel assume a culpa pelo seu erro, arrepende-se e apresenta-se diante da divindade – prefigurada na figura do padre ou do bispo – e confessa seus delitos. A crença católica estabelece que após esta ação, o fiel é perdoado, entretanto, resta as consequências espirituais do ato praticado, as quais serão purgadas (purificadas) após a morte, salvo se recebeu especial indulgência, que “apaga” estas marcas e o purifica para contemplar a divindade. Sobre este tema, veja Patrícia Fogelman (2004).
23. No Brasil, de acordo com a pesquisa realizada pela Kantar Ibope Mídia, a transmissão ao vivo da cerimônia, realizada pela TV Aparecida, alcançou 1,6 ponto. Disponível em: <https://teleguiado.com/televisao/2020/03/tv-aparecida-papa.html> Acesso em 30 de agosto de 2020.
24. O canal Vatican News no YouTube registrou 1,7 milhão de visualizações da cerimônia ao vivo (<https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/milhoes-acompanham-oracao-papa-francisco-pandemia-coronavirus/>)
25. Para a descrição da cerimônia neste texto, além de acompanhar ao vivo a transmissão, utilizamos os registros disponibilizados pelos canais do Vaticano no YouTube (nas versões “áudio original”, italiano e português) e da rede de televisão católica francesa KTO. Comparando as narrações em língua francesa, portuguesa, espanhola e inglesa, nota-se basicamente os mesmos comentários no início da celebração, sobre as os gestos do papa e a descrição do cenário.
26. Neste texto, utilizou-se a tradução oficial das falas e textos litúrgicos da cerimônia disponibilizados no site da Santa Sé.
27. Durante a quaresma as igrejas não são ornamentadas, destacando o momento penitencial que deve ser vivido pelos fiéis.
28. O hino possui variações entre as línguas gregas, eslava e latina cujo sentido não se altera: “Voamos para Tua proteção, / Ó Santa Mãe de Deus; / Não despreze nossas petições / em nossas necessidades, mas livra-nos sempre / de todos os perigos, / Ó Gloriosa e Santíssima Virgem.”

29. devocionário católico que retoma os quinze principais fatos da vida de Jesus, da anunciação do anjo a sua ressurreição, é especialmente celebrada às quartas e sextas-feiras durante a quaresma.

30. O termo pálio, no contexto da Igreja Católica latina, designa dois objetos distintos: refere-se a uma veste litúrgica, constituindo uma espécie de faixa de pano de lã de cordeiro branca, que se posta sobre os ombros dos arcebispos, símbolo da missão pastoral, e de jurisdição em comunhão com a Santa Sé. Também serve para nomear uma espécie de cobre-céu retangular (com seis hastes) ou em formato de guarda-sol, feito de seda com franjas, utilizado para cobrir – como sinal de distinção e honra – as espécies eucarísticas.

31. Atribuído a Santo Tomás de Aquino, *Tantum ergo Sacramentum*, inicia a penúltima estrofe do hino *Pange lingua gloriosi corporis mysterium*, que é cantado anualmente no Liturgia das Horas da Solenidade do Corpo e Sangue de Cristo (Corpus Christi). O trecho selecionado integra o ritual de exposição e bênção do Santíssimo Sacramento. Foi composto em 1264 por encomenda do papa Urbano IV especialmente para esta festa.

RESUMOS

Partindo da descrição densa do “Momento Extraordinário de oração em tempo de pandemia – Bênção *Urbi et orbi*”, presidido pelo Papa Francisco, neste texto discute-se alguns aspectos da prece em tempos de distanciamento social e os significados de ausência-presença enunciados por meio da realização de um ritual público e coletivo que não contou com a participação *in loco* dos fiéis, mas que acompanharam o ato *in praesentia* por meio das mídias. O que os múltiplos “vazios” apresentados no ato religioso dão a ver sobre a relação entre crença e saber científico, ressignificando o “estar juntos”? Conclui-se que a prece, enquanto ação coletiva, permite à Igreja projetar-se na esfera pública apresentando a religião como uma posição legítima na enunciação de ações de enfrentamento à pandemia.

Starting from the dense description of the "Extraordinary moment of prayer over by Pope Francis – “urbi et orbi” Blessing, this text discusses some aspects of prayer in times of social distancing and the meanings of absence-presence enunciated through the realization of a public and collective ritual that did not rely on the on-site participation of the faithful, but on those who followed the act in praesentia through the media. What do the multiple “voids” presented in the religious act give to see about the relationship between belief and scientific knowledge, resignifying the act of “being together”? It is concluded that prayer, as a collective action, allows the Church to project itself in the public sphere and to enunciate religion as a legitimate position of enunciation of actions to cope with the pandemic.

ÍNDICE

Keywords: catholic church, prayer, pandemic covid-19, ritual, image

Palavras-chave: igreja católica, prece, pandemia covid-19, ritual, imagem

AUTOR

ROSENILTON SILVA DE OLIVEIRA

Doutor em antropologia, docente na Universidade de São Paulo, onde coordena o Fateliku - Grupo de Pesquisa sobre educação, relações étnico-raciais, gênero e religião.

E-mail: rosenilton.oliveira@usp.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2952-4329>